

Dossiê Temático

O que carrega o sangue?

Juliana Caruso (org.)¹
Lapod/Hybris/USP

Marisol Marini (org.)²
Universidade Estadual de Campinas

Sandra Carolina Portela García (org.)³
Universidad Externado de Colombia

CARUSO, Juliana; MARINI, Marisol; PORTELA GARCÍA, Sandra C. **O que carrega o sangue?** – **Introdução ao dossiê.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7 (14): 27-30, maio a agosto de 2020. ISSN: 2358-5587

¹ Doutora em Antropologia pela EPHE - École Pratiques des Hautes Études, menção RSP (Religions et Systèmes de Pensée), é Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma universidade. É membro associada do Laboratório de Estudos Pós-Disciplinares (LAPOD). Também é membro externo do Hybris (Grupos de estudo e pesquisa sobre relações de poder, conflito e socialidades) da USP.

² Doutora em Antropologia Social pela USP. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado na Unicamp. Integra os grupos de pesquisa NUMAS, LAPOD e GEICT. Integrou o grupo de pesquisa Mind the Body, sediado na Holanda.

³ Docente e pesquisadora do Programa de Antropologia da Universidad Externado de Colombia, pesquisadora associada do INCT Brasil Plural, doutora em Antropologia Social (UFSC).

Introdução: o que nos carregou até o sangue

Substância, metáfora, líquido essencialmente vinculado à vida, associado à movimentação, ao veículo de coisas das mais diversas, como identidades. O sangue, vital para humanos e não-humanos, possui muitas existências, significações e interpretações, das quais a Antropologia desde os seus primórdios soube se valer. Ainda em 1871, Morgan publicava *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family* e desde então, as questões em torno do sangue nunca deixaram de interessar aos antropólogos. Nos estudos de parentesco, campo em que a temática se demonstrou especialmente frutífera, as abordagens sobre o sangue foram desenvolvidas e ampliadas, deslocando e movimentando as próprias compreensões sobre parentesco. No desenvolvimento da disciplina, os horizontes de análise se ampliaram: do sangue enquanto analogia para hereditariedade ao sangue enquanto substância que compõe pessoas e vínculos. Com isso, sua fluidez permitiu movimentar outras substâncias, criando circulações, sistemas, corpos.

Os trabalhos apresentados no presente dossiê decorrem de um encontro de interesses, do esforço de consolidação de um espaço de diálogo em um congresso, também na tentativa de reunir outras interessadas em torno da temática. A motivação para tomar o sangue como eixo de reflexão partiu da intuição das coordenadoras de que poderia se tratar de uma temática transversal. Ou seja, apostando em sua potencialidade, as coordenadoras, originárias de campos de pesquisa distintos, viam no sangue uma possibilidade de ampliação de diálogos. Nesse sentido, o intuito de propor debates em torno do sangue referia-se à percepção de que sua potência poderia movimentar convergências entre campos de pesquisa antropológicos que normalmente são apartados, como efeito de uma especialização temática interna à disciplina. A questão que nos animava era: o que podemos aprender colocando pesquisas diversas interessadas no sangue em contato? O que ganhamos com esse encontro?

O intuito não era propor uma antropologia do sangue, mas aproximar pesquisas em torno da temática, reconhecendo seu rendimento para além dos estudos do parentesco. Dada sua relevância material no âmbito da biomedicina, e sua complexidade difícil de se reproduzir em âmbito laboratorial, considerávamos que o sangue se constituía também um notável recurso médico-científico. Por isso caracteriza-se também como um importante objeto/sujeito na área da saúde, interessando à antropologia médica, da ciência e da tecnologia. Buscando destacar sua importância para a antropologia como um todo – e a relevância da abordagem antropológica para pensar esse sujeito/objeto em interlocução com outras áreas de conhecimento – sem perder de vista as múltiplas interpretações, análises e

lugares particulares que o sangue ocupa em cada um dos ramos/áreas da antropologia, em 2019 propusemos experimentar um diálogo entre as diversas abordagens e elaborações em que o sangue se configurava como importante ator, produzindo relações.

O encontro ocorreu na XII Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada na cidade de Porto Alegre (RS), materializando-se no Grupo de Trabalho intitulado “O que carrega o sangue? Elaborações em torno do sangue e seus potenciais produtivos”, coordenado por Juliana Caruso, Marisol Marini e Sandra Carolina Portela G. Foi uma oportunidade de reunir pesquisas provenientes de diversos cenários e espaços geográficos, compreendendo o amplo território brasileiro, e, desbordando as suas fronteiras. As comunicações apresentadas trouxeram também experiências etnográficas e de pesquisa de países como a França e a Colômbia. Além da diversidade de temáticas e abordagens, as pesquisas encontravam-se em diferentes momentos e em variados níveis de desenvolvimento. As apresentações nos aproximaram às experiências particulares de casais homoafetivos, comunidades indígenas, a comunidade biomédica e da engenharia, ciganos, refugiados, entre outras, abrindo um cenário que se mostrou plural em abordagens e possibilidades de se aproximar, ler, compreender e especular sobre a vida social do sangue a partir da perspectiva de pesquisadoras (es) sul-americanas (os).

Como desdobramento, recebemos a sugestão/convite de Flavio Tarnovski (UFMT), que havia participado como apresentador e debatedor do GT para transformar o debate em um dossiê.

Instigadas precisamente pela pluralidade das comunicações apresentadas, surge a proposta deste dossiê que hoje apresentamos. Nossa intenção é modesta, e muito mais que propor um único caminho teórico e metodológico que nos permita indagar por esse “objeto”, que por si só, é polissêmico e instável, nossa aposta é precisamente a de explorar esse cenário de possibilidades, que nos permite apresentar, ainda que panoramicamente, as propostas locais e latino-americanas que procuram no sangue um lugar de aproximação epistemológica, de pesquisa científica e de compreensão da vida mesma. Também, nossa intenção é situada, no sentido de que buscamos dialogar com outros debates sobre o sangue como aqueles produzidos no norte global. Um breve exemplo são as coletâneas *Blood will out: essays on liquid transfers and flows* (2013), organizada por Janet Carsten e o número especial da revista *Terrain, Analyses de sang* (2011), coordenado por Stephen Hugh-Jones.

Esses dois exemplos trazem diferentes inspirações teóricas às quais, sem dispensar certa digestão antropofágica, são apropriadas, contestadas, redefinidas e interpeladas à luz das experiências locais. Por outro lado, há aqui arranjos inusitados, e artigos que aproximam também autores e discussões teóricas não convencionais para abordar o assunto, em ambos os casos, permitindo interessantes lugares de discussão sobre os caminhos propostos.

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

QUALIS A3